

JORNAL

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.

MODAS



Os bailes e os theatros offerecem um ornado campo das mais bellas novidades, que, no amplo dominio do seu voluvel reinado, a moda nos apresenta neste momento.

Quereis uma prova?
Fostes ao bellissimo baile de beneficencia franceza? sim?

Vistes os riquissimos, deslumbrantes *toilettes* que lá apparecêrão? Vistes essas nobres senhoras, o bom-tom fluminense, faguciro, gracioso, formando a ala commum entre o plebeu alegre e satisfeito?

Oh! era sublime essa fraternidade envolvida em o grande pensamento — A BENEFICENCIA!

Que elegante e bem acabado era o *toilette* cõr de rosa da esposa do conselheiro S. F.! Que bem frisados bandõs erão os de seus negros e lindos cabellos!

Aquella corõa de espigas de prata de M.^{me} B. como condizia bem com o seu alvo transparente vestido bordado de prata em harmonia com a nivea e fina cõr de seu peito!

Os dous vestidos de setim cõr de ouro, ornados de volantes de rendas pretas, que ruge-ruge que fizerão.... que perguntas, que temas que houverão! Uns querião que fossem francezas, outros

dizião que erão hespanholas as duas meninas que trajavão tão igual (ora estes homens é uma graça ouvir-os de parte!); mas por fim só forão os ultimos que acertarão, e uas e outros dançarão, que eu os vi bem derretidos, com essas delicadas meninas.

M.^{me} B.^{...} trajava um vestido de filó branco com duas saias: a de cima de filó de Lyão, guarnecida de tres ordens de tufos de filó-illusão postas em recortes em bico, e em cada recorte um laço de fita de setim; a de baixo, guarnecida com as mesmas tres ordens, porém postas ao direito. Corpo liso e decotado com berthe de filó encrespado. Mangas muito curtas, enfeitadas. Penteado em bandõs ondeados e com flores.

M.^{me} S.^{...} trajava um rico vestido bordado, de escomilha cõr de rosa, com duas saias, sendo a de cima em forma de tunica, e apanhada com grinaldas de flores: a saia de baixo guarnecida de renda: o corpo liso e decotado: as mangas curtas. Penteado á Ceres com boninas.

M.^{me} L.^{...} — Vestido de blonde prateado com tres saias abertas aos lados e guarnecidas de rendas apanhadas por borboletas de ouro: o corpo decotado, liso e com berthe de renda apanhada igual

mente: as mangas muito curtas e em fôfos. Penteadado á Eugénie.

M.^{me} G.^{me} — Vestido de renda, guarnecido de rulos de setim côr de cravo enlaçados de fios de perolas: o corpo decotado: as mangas eúrtas com igual enfeite. Penteadado com plumas e perolas.

M.^{me} T. de L.^{me} — Vestido de filô azul-claro, de ramagem dourada; os tres folhos guarnecidos de renda de ouro: o corpo de espartilho e mui decotado: as mangas curtas e enfeitadas como a saia. Penteadado de folhagem dourada de vinha e cachos.

M.^{me} J. S.^{me} — Vestido de blonde com duas saias: a de cima chegando até ao joelho e aberta em bicos sobre setim côr de rosa e enfeitadas com laços e cordões de perolas; a de baixo com duas ordens de tufos de setim côr de rosa presos com iguaes enfeites: o corpo decotado e liso: as mangas curvas enfeitadas de cordões e perolas. Penteadado de tranças e canudos misturados de cordões de perolas.

M.^{me} F.^{me} — Vestido de setim verde-mar com um folho de renda, tendo por cima uma túnica de filô-illusão, com o corpo franzido e a túnica toda bordada em flores de prata. Penteadado á Ceres com papoilas e ramos de flores.

M.^{me} L.^{me} — Vestido de gaze côr de palha com tres saias, a primeira lisa, a segunda cortada em arcos guarnecidos de duas tiras feitas em tufos, e a terceira apanhada aos lados com ramos de flores: o corpo liso e decotado: as mangas mui curtas, enfeitadas com flores. Penteadado de canudos de cabellos com uma grinalda de boninas.

E como estes lindos *toilettes*, querida leitora, muitos, muitos outros apparecerão dignos de menção. Em geral os *toilettes* erão todos, se não ricos, muito graciosos e de summa elegancia.

Mas a belleza! Oh! a belleza deste baile era em tudo. O gosto, a arte e a profusão, reinavão em tudo; tudo-era delicado e apropriado; tudo enfim fazia crer que os angelicos salões do Paraizo, pela suprema vontade do SENHOR, baixáráo á terra para um baile de BENEFICIENCIA.

Por entre as ondas luzentes das cabeças adereçadas de quinhentas e cincoenta e seis senhoras, uma só d'entre ellas procurava-se com avidéz encontrar-se, vião-na, e não podião negar-lhe a belleza proclamada com enthusiasmo. Eu a vi tambem pelo braço do seu queri-lo esposo o Sr. C. M. E' linda; e effectivamente reune em si uma elegancia, uma vivacidade tão graciososa, que lhe dão os ultimos expressivos toques de uma belleza que jámais lhe será contestada. Trajava um delicado vestido côr-de-rosa que lhe dizia perfeitamente bem.

O baile acabou ás quatro horas da madrugada, com o mesmo movimento alegre e fraternal com que principiára.

Foi, pois, com o baile de beneficencia franceza, que o mez de Setembro deu a sua entrada. Estreou bem. Que de seus trinta dias nenhum só se perca; que todos sejam empregados em beneficio da humanidade desvalida; e que brincando e dançando, vamos concorrendo para as mais bellas e louvaveis instituições, dignas do progresso do seculo em que vivemos.

Assim comprehendeu a sociedade de beneficencia franceza.

Esta sociedade entregue á benefica direcção do mui digno e virtuoso Sr. Toumay, consul francez na côrte do Brasil, faz diariamente um beneficio e enxuga diariamente uma lagrima de afflicção. Ultimamente, mandou ella buscar, e já chegarão, algumas Irmãs de Caridade, as quaes vão tomar conta do estabelecimento instalado na rua das Marrecas para a educação das orfaas indigentes, filhas de seus patrios; e mais tarde tambem nesse estabelecimento serão recebidas as orfaas indigentes brasileiras.

Praza a Deus que muitos destes collegies vão se estabelecendo no Rio de Janeiro, em todo o Brasil, que então terei esperanças, e talvez ainda chegue a ver os fructos sazoados da solida educação.

São poucos os meus louvores á esta sociedade, que, com tão louvaveis intenções, encetou seus pios trabalhos, a Providencia Divina porêem lhe protegerá seus passos, e lhe abençoá a sagrada missão de que ella philanthropicamente se encarregou.

Até ao fechar deste artigo ainda não era chegado o paquete inglez, por isso nenhuma novidade vos posso dar a respeito da moda da nova estação: vos empraso para domingo, e por enquanto, vos offereço uma estampa de bonets ou meias toucas, camisinhas rendadas e mangas modernas.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

N.º 1. — Penteadado em blonde, ornado de flôres e de fita branca de palheta de ouro: as flôres, dispostas em tufas para acompanhar os bandôs, são recobertas por uma ordem de blonde, que se enroscá sobre si mesmo para formar o fundo. Bandôs frisados e soltos.

N.º 2. — Camisinha-jaleco, ornada de *valenciennes*: duas ordens de renda espontada, seguidas de uma ordem de fôlhos de filô *esprit*, prefazem a guarnição deste engraçado ornamento.

N.º 3. — Bonet, feito de renda estreita de seda, guarnecido em volta de um ondeado, composto de tres ordens de tiras encrespadas de filô *illusion*: aos lados dos bandôs duplice laço de fita de tafetá côr de rosa: a mesma fita em volta do bonet, e vem terminar em duplice laço de grandes pontas volantes.

N.º 4. — Touca de mosselina bordada, composta de duas ordens de *valenciennes*, com escamas de fita de setim azul claro entre as duas ordens de renda.

N.º 5. — Camisinha aberta á Luiz XV, enfeitada de renda franzida entre duas ordens de fita côr de rosa, presa por diante por quatro laços da mesma fita. Esta camisinha usa-se com vestido aberto ou roupão.

N.º 6. — Bonet de blonde dentado, enfeitado de fita azul de setim e fita de veludo preto, passada por entre os dentes de blonde que formão o armamento deste graciosos bonet.

N.º 7. — Manga igual á camisinha-jaleco indicada no n.º 2: esta manga termina em um

punho assaz alto, de valenciennes e fofinhos de filó esprit.

N.º 8. — Camisinha de collarinho, de bordado inglez e entremeios de valenciennes.

N.º 9. — Manga á Luiz XV, para acompanhar a camisinha-aberta n.º 5, enfeitada de fita cõr de rosa, laços e renda ondeada.

Cattete, 9 de Setembro.

Christina.

ROMANCE.

UM AMOR DE MULHER.

(Continuado do n. 56.)

II.

— Capitulo primeiro: disse o Romancista —
A CHEGADA. —

Em 1844, da era de Nosso Senhor Jesus Christo, ou 504 da descoberta do Brasil, ás quatro horas da tarde de um dia de Março, um moço apeava-se de seu cavallo á porta de uma grande casa, situada na rua da Aurora, na capital da provincia de Pernambuco.

Trajava roupas de viagem, e *um não sei que* indicava, que era estudante do curso juridico.

Era realmente um estudante do quinto anno da academia de Olinda, em volta de suas férias, que parava á porta de seu correspondente.

Não é de estranhar que essa seja a primeira visita de um estudante; mas é necessario que ontra luz mais forte que a do ouro o obrigue a fazer visitas, ainda de botas de viagem, fatigado pelas leguas galgadas á galope do cavallo, que teria melhor sorte se fosse montado pelo diabo, com todo o peso de seus peccados, do que por um estudante, embora tão leve como o entusiasmo que lhe ferve a vida de joven concentrada inteira no coração e na intelligencia.

O moço sacudiu a poeira de suas roupas, entrou no corredor e bateu palmas.

— Quem é? perguntou uma voz affectada do sotaque do *cassange*.

— Diga á seu senhor, respondeu o mancebo, que Fernando de M^{tes} vem visital-o.

Ouviu-se então uma voz doce — como a de Julieta de Roméo — nestas duas palavras tão trémulas e tão cheias de amor, que perguntavão — E' elle?!

— Não, respondeu o estudante — é outro.

— Ah! disse uma linda mocinha, vindo ao encontro de Fernando — é o senhor mesmo... E coradinha de alegria e de pudor; trémula de prazer e de pejo; desatou a chorar ao mesmo tempo que sorria, balbuciando: *que surpresa!*

O estudante apertou a mãosinha que se lhe estendeu, o collocou-a depois sobre seus labios n'um beijo tepido, como são os beijos de amor. Ficou um momento estatico contemplando esse

anjo, que perturbando-se ao seu olhar tão apaixonado, baixou os olhos e disse com uma modestia angelica e um temor sincero — Está me achando mais feia, não é?

— Quer um elogio? disse o estudante sorrindo tristemente. E quem estudasse profundamente esse sorriso, quem lh'o visse errar desconsolado nos labios, descobriria precisamente um pezar entranhado no amor que revelava.

— Não lhe pedi seus elogios; respondeu a mocinha meia arrufada; eu estou acostumada a não tê-los; e bem sei que sou feia.

— Nego; eu tenho muito bom gosto, respondeu o estudante; e desse modo, D. Lucila, a senhora offende ao meu amor proprio.

Ella agradeceu essa fineza, com um olhar que recompensaria o maior sacrificio do mundo.

Bem eu dizia, ha pouco, que era necessario uma luz mais forte que a do ouro, para obrigar um estudante, ainda fatigado da viagem, a fazer visitas ao seu correspondente.

Entrarão, depois desta curta scena que descrevi, para a sala de visitas, que bastava o luxo com que estava ornada, para denotar que o dono era milionario.

Uma senhora, de quarenta annos, mais ou menos, vindo do interior da casa, chegava ao mesmo tempo que elles á sala — era a mãe da mocinha.

Dispensem-me, por agora, de narrar-lhes a conversação da velha com o estudante, comquanto lhes diga sempre, que as primeiras cousas que ella disse, forão os muito conhecidos cumprimentos — estimo que tivesse feito boa viagem — estou o achando mais magro — como ficou sua familia? — etc., etc., etc.

Deixemos por consequencia essa maçante conversa; e enquanto, elles gastão o tempo em futilidades, irei descrevendo Lucila, Fernando, e a velha.

Lucila, era o bello ideal de Deus, moldado em uma virgem de dezeseis annos; e nesse dia com seu *toilette* branco, parecia um archanjo.

Os olhos, os cabellos, o collo, a cintura, o pé-sinho... oh! tudo, tudo della encantava, enlouteceia, matava!

Era ao mesmo tempo uma musa e uma fada, como a Antonia de Hoffman — uma Margarida de Goethe na modestia — uma Corina no amor.

Era, enfim, uma Pernambucana.

« Não admitto! interrompeu um dos ouvintes — Assim, só pôde ser — uma Paulista.

« Não diga asneiras! respondeu o outro estudante — a Fluminense tem o sceptro da belleza, a corôa de rainha, e o manto real dos encantos da mulher.

— Seja o que quizerem, continuou o romancista. Mas hão de consentir que não altere o facto, e que sugitem-se á patria de Lucila — que era Pernambuco; e para contestar a todos a respeito dos enlevos, eu reformarei a minha expressão, e direi — era enfim uma Brasileira. Devo tambem acrescentar — que era rica como uma Russiana.

Fernando era um moço bonito, tanto quanto um rapaz pôde sê-lo — porque, homem, não tem belleza.

A belleza do homem é o talento; e Fernando, além de ser um genio, era poeta.

Já sabem, que elle era estudante do quinto anno da academia de Olinda, e que morava no centro da provincia de Pernambuco. Sabião mais, que desde o seu terceiro anno juridico, data de seu amor por Lucila, vivia elle ordinariamente pensativo.

Não era aquelle gaiato de d'antes, que fazia rir os companheiros de casa; não era aquelle cas-soista de outr'ora, terror dos *caloiros*; não era mais aquelle namorador dos bailes; nem o poeta satyrico.

Era um rapaz concentrado, pallido e triste.

Trajava sempre de preto — que se diria de luto se tivesse fumo no chapéu.

Então, se alguma vez o desespéro de suas cogitações o arrastavão até um baile — para que se esquecesse de sua dor nesse turbilhão de risos, e se aquecesse a sua magoa com o bafo tepido das emoções do salão — á adormecer-lhe a ulcêra que o torturava — então verião-no a um canto, pallido e mudo, com as suas roupas negras — como a sombra de um homem que viveu, mas que voltou ao mundo para dizer ainda um adeus, aos prazeres que elle amou tanto.

Suas poesias revelavão um soffrimento que o lacerava.

Joven, de vinte annos, passava horas inteiras com a cabeça amarrada nos braços; e a estrella d'alva encontrou-o muitas vezes, distraído, olhando a lua a esconder-se no occidente.

E este moço, que parecia tão infeliz, não confiava a seu maior amigo a causa de tantos desgostos, capazes de o tornar de um homem alegre e espirituoso, um espirito serio e de uma gravidade precoce: soffria em silencio como um martyr.

Mysterioso, era preciso que o mundo não encerrasse o balsamo de suas magoas, para não pedil-o ás lagrimas de uma mãe, aos conselhos de um pai, ás palavras de um amigo.

E, entretanto, era amado! Não era desses de que falla o artigo — *Os dous amores* —, extrahido pela viscondessa da ... no *Jornal das Senhoras*, onde se diz que « amar e ser amado é um martyrio — uma desgraça — uma infelicidade. » Não — que se isso é certo, é só para as mulheres. A razão de sua tristeza é um dos episodios do meu romance — é um enigma facil de explicar-se, o qual, se não fosse a descripção que devo fazer da mãe de Lucila, passaria já a contar-lhes: mas reservarei essa parte para — o Capitulo II.

« Dispensou, atalhou um dos estudantes que formava o auditorio, dispensou a descripção da velha: ha de ser alguma barriguda — de côs de vestido desatado — e com os cabellos grudados á cabeça.

Não, senhor, continuou o romancista: já não era um bom par de valsa, mas ainda era um peixão. Para ser mãe de Lucila, era mister que tivesse sido uma deusa — como foi preciso ser Venus para ser mãe de Cupido.

Chamava-se a Sra. D. Margarida; e era conhecida como muito discreta; elogiada pela educação que dava á sua filha, estimada pelo amor que tinha a seu marido, e admirada por ser uma incomparavel dona de casa.

Eu que o diga, que bem feita cangica papei feita pelas mãos della! que bellas tapiocas! que bella baba de moça rusti por diversas vezes em sua casa!

« Julguei que consistia em saber fazer cangica a bondade de uma dona de casa; disse um dos estudantes que escutavão; porque, nesse caso, eu serei uma boa dona de casa, pois sei cozinhar milho branco com leite e manteiga, que é pápa fina.

— Mas isso, interrompeu o romancista, não é a cangica do norte: lá, essa composição chama-se *mucunzá*. Cangica é uma pápa de milho da consistencia do leite creme — uma especie de *manjar*, gostoso, como um beijo de moça, quando a cangica é feita de milho verde em noite de S. João. E não era só isso; ella punha manteiga nas *tapiocas* tão bem, « como Carlota nas fatias de pão » como disse Alexandre Dumas nos *Mil e um phantasmas*.

« Ah! replicou o tal estudante, não te contentas de mostrar teus conhecimentos de cozinha, queres nos maçar com os pedantismos de litterato! Estás enganado: adeus — que tenho que ir á Maçonaria. » E sahio.

O romancista quiz continuar; mas vendo o seu outro ouvinte muito quieto, desconfiou que estava dormindo, e chamou-o — O' P'!!!

O estudante realmente dormia.

« Acorda, dormidor eterno! bradou o romancista de novo.

O rapaz mexeu-se — e murmurou — Eim?...!

— Estavas dormindo como um porco?!

— Não; estava escutando...

— O que foi que eu disse por ultimo?

— Disseste.... disseste.... já não me lembro....

ah, sim, disseste que comias pápas feitas pelas mãos da mãe de Lucila.... Que homem feliz!

— *Espichaste-te completamente*; e tanto dormias que não viste o L'... sahir.

O estudante, que foi chamado pelo nome de P'..., não pôde resistir aos argumentos, e confessou que ia adormecendo; mas pediu que continuasse.

— Não conto mais, respondeu o romancista.

— Então *enfaste!* tornou o P'...; não ha cousa mais natural do que dormir quando se tem *sono*.

— Não é por isso; mas é porque não achaste o facto que estava contando, cousa que *valesse a pena*, e por consequencia para que aborrecer-te?

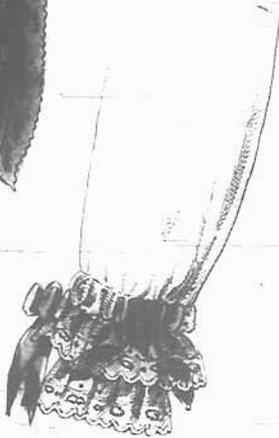
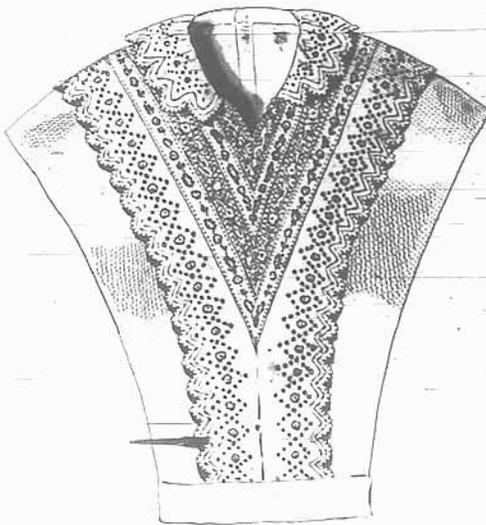
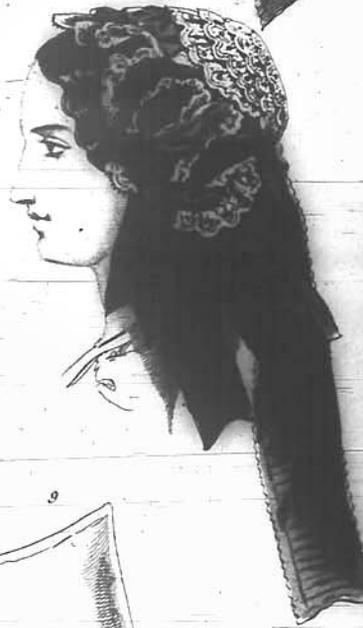
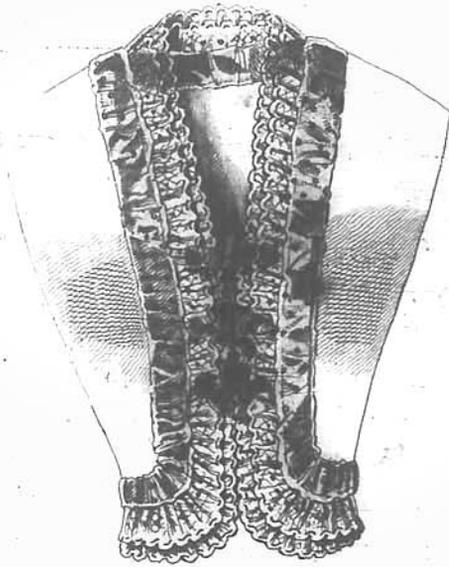
— Estás perfeitissimamente enganado; estava gostando de ouvir; e se não continuares a narração, dás demonstração que *encavacaste*.

— Pois bem; disse o romancista, logo continuarei; agora não posso; tenho que ir tambem á loja Piratininga — que ha hoje sessão magna — e já são perto de nove horas.

— Nesse caso, eu tambem vou, para não ficar só em casa *cynicando*, disse por fim o dorminhoco. E ambos, depois de se vestirem de preto, sahirão juntos.

X. Y.

(Continua.)



LE MONITEUR DE LA MODE

Publié le Dimanche de Paris, Guillaume 179, rue de Valenciennes



POESIA.

O QUE RESTA-ME AGORA!

O que resta-me agora?!... Quero vel-a
Um momento sómente inla uma vez,
Dizer-lhe um triste adeus do fundo d'alma
Para sempre talvez!

Quero vel-a uma vez — sem que me veja —
Quero vel-a a sorrir-se ainda um dia!...
Eu levarei commigo esse sorriso,
Minha unica alegria!

Quero ouvir a sua voz! — ha de lembrar-me
As faltas que seus labios me fallarão:
Pela vez derradeira ver ainda
Os olhos que me amirão.

Quero vel-a na valsa — palpitante
Candida pomba que em seu vôo causa;
Que me rocem os labios de relance
As litas de sua trança.

Quero beijar o pé do ramallete
Que ella tinha no seio e que cahiu;
E nunca saiba o labio que o beijára
Que saudades sentiu!...

Hei de prostrar-me n'um esforço extremo
Mudo — pallida estatua em sua passagem:
Quero render-lhe assim, sem que me ouça,
Minha ultima homenagem.

Eu guardarei a flôr no pensamento
Que enlaçar-lhe os cabellos nesse instante;
Se me olhar, ha de ler as minhas dores
Em meu triste semblante.

Não terei um sorriso como outr'ora,
Mas terei uma lagrinha de dor;
A lagrima tambem que queima a face
Exprime muito amor.

Mas ah! — s'inda puder — hei de sorrir-me,
P'ra que o remorso não lhe turbe a paz;
Não quero que ella soffra — embora injusta
Já não ame-me mais.

E depois partirei como um proscripto,
Irei bem longe lhe adorar a imagem;
Um culto lhe darei dentro em minha alma
Em placida linguagem.

Eu terei então um sonho,
Uma e unica oração: —
Deus a lerá sempre escripta
No fundo do coração.

Que uma grinalda de noiva
Lhe cinja a fronte tão bella:
Que um amor profundo e santo
Recompense o affecto della.

Que a contemplando enlouqueção
Que soubeim como eu souhei,
Que morrão por esses olhos
Que desde a infancia eu amei.

E lá quando souber que a f'licidade
Lhe trouxe os seus desejos de donzella,
Serei feliz tambem — nessa hora extrema
Morrerei murmurando o nome della.

Tão pouco o que me resta! Se eu pudesse
Pedir-lhe de joelhos — seu amor!?...
Mas não; — pôde zombar de meus tormentos —
Rirá, se já não riu, de minha dor.

E pois sem que me veja — quero vel-a
Um momento sómente — inda uma vez,
Dizer-lhe um triste adeus do fundo d'alma
Para sempre talvez!...

S. Paulo, 27 de Agosto de 1855.

X. Y.

CANTO DO PROSCRIPTO.

Porque choro? Minha terra
Não tenho; não, já perdi-a;
Proscreeu-me a tyrannia
Por crenças que eu n'alma tinha!
Ai, que magoa! ai, que pezares!
De má fortuna entre azares,
Não vejo os astros, os mares,
As flores da terra minha!

De que me servem gorgeios
— Quando trina o sabia?
De que me servem, se lá
Era a terra onde nasci?
Se falleceu-me a esperanza,
Se o peito chora e não cansa,
E do passado a lembrança
Me punge, me segue aqui?

De que me servem lindezas,
Se eu as d'aqui não entendo?
Se a lua de noite vendo
Não sei abrir este peito?
Se a rosa murcha, cahida,
Não pertence á minha vida?
Se vejo a patria estendida
Em podre e salgado leito?

Meus amores.... como folhas,
 Seccou-os todos o vento!
 Atorrerão, como ao relento
 Triste flor abandonada!
 E pois que me resta agora?
 Minhas noites, minha aurora,
 Minhas lembranças d'out'ora!...
 Só desejos — é mais nada!

Sem tino, vagando á mingua,
 Quem dá fé de um forasteiro?
 Em clima alheio — estrangeiro,
 Quem lia de a frente embalar-me?
 Quem ha de mostrar-me as aguas
 Onde banhe accessas fragoas?
 Quem ouvirá minhas magoas?
 Quem ha de querer amar-me?

Eu sou resto de um naufragio;
 Sou como a planta murchada;
 Sou como a neve açoitada;
 Sou trasgo, larva, ou mysterio;
 Sou astro do Céu fugido,
 Rochedo do mar batido;
 Sou como um tronco despido;
 Sou a cruz do cemiterio.

S. Paulo.

Andrada e Silva.

A UNS ANNOS.

Se acaso quereis
 Pensar na existencia,
 Lembrar a clemencia
 Que hoje ao Céu deveis,
 Tocada de amor
 Com toda a brandura
 Da vossa candura,
 Com toda a ternura
 Tomai uma flor.

Por exemplo a rosa:
 Quand'inda botão
 E' qual coração
 De um'alma mimosa
 Na infancia a sorrir;
 Porém des'brochada
 A vida animada
 De bens adornada
 Só vem exprimir!

Vós sois como a flor,
 No tronco materno
 Achastes mais terno,
 Mais grato penhor;
 Allim des'brochastes
 Na estrada da vida
 Para ser querida
 Do Céu despreendida
 No mundo pousastes!

Qual rosa entre-aberta,
 Bonzella prezada,
 Da vida fascinada
 Voss'alma inexperta

Começa a folgar;
 Mas fugi no mundo
 Do pezo profundo,
 De um canto jocundo
 Que faz naufragar...

Tendo creado a sabia natureza
 No vasto mundo tanta maravilha,
 Poucas creára em tudo tão perfeitas
 Como vós, boa irmã e boa filha!...

Gozai, senhora, pois, os bens do mundo.
 Que a risonha ventura vos aguarda;
 Gozai, sede feliz, que ás virtuosas
 A dispor de seus bens ella não tarda.

Ao lado dessa Mãe, tanto prezada,
 De quem sois, boa filha, tão querida,
 Gozai, perto de um Pai, que vos adora,
 As delicias possiveis desta vida.

Eis os fervidos votos de um desejo;
 Que deste coração roubou a lyra,
 Lyra sem metro, é certo, mas que anciosa
 Só por ver-vos feliz, ah! creê, suspira!...

29 de Junho de 1855.

B. J. B.



Melo de obter, sem distillação, a essencia de flores odoríferas.

Todas as senhoras fazem mais ou menos uso das essencias odoríferas; porém as que habitão nas proyncias nem sempre têm occasião de as receber promptamente das grandes cidades, pela distancia ou difficuldade das communicações; ao mesmo tempo que ellas mesmas podem preparal-as com as flores do seu jardim. O meio é facil e simples, e merece ter um logar neste jornal, para quem delle se quizer servir.

A fragrancia de todas as flores está fixada nos orgaos que entrao na composição dos pétalos ou folhas de que se fórma a mesma flor: deve-se portanto apanhar com todo o cuidado as flores pela manhã, logo que dellas se houver evaporado o orvalho da noite, e desfolhal-as ou separar delicadamente as folhas das mais partes que compoem a flor. Póde-se escolher para este fim rosas, jasmims, junquillos, violetas, angelicas, ou quaesquer outras cujo cheiro mais agradar.

Logo que as folhas da flor estiverem bem limpas, escolhidas de todas as outras partes da mesma flor (pois que só as folhas é que têm o cheiro), e inteiramente privadas de humidade, põe-se pelo espaço de meia hora ao sol, quando forem daquellas que têm um cheiro mui persistente; porém deixa-se de fazer isto, se forem flores que perdem facilmente o cheiro.

Toma-se então oleo de amendoas doces puro e isento de todo o gosto, e embebem-se nelle ca-

madras mui finas de algodão. Em uma caixa de folha de Flandres, cuja tampa feche hermeticamente, se deita no fundo uma camada das folhas de flores preparadas como acima se disse; e sobre ellas se põe uma camada de algodão embebido no óleo; sobre esta, outra camada de folhas de flores; e assim se vão alternando as camadas de folhas e as camadas de algodão, até que fique cheia a caixa. Assenta-se-lhe então em cima um peso qualquer ou uma placa de chumbo, do tamanho e feição da caixa, para comprimir as camadas; fecha-se a caixa cuidadosamente, e se põe direita em qualquer sitio quente, como por cima de um forno, conservando-se ali por espaço de alguns dias. Passado este tempo, tira-se o algodão e espreme-se fortemente: todo o óleo sahe impregnado do cheiro das flores. Mesmo este meio é o unico capaz de obter o cheiro difficil de fixar de certas plantas, como a vergamota, etc.

Este óleo serve para se usar assim, guardando-se em vidrinhos; para fazer pomadas; e para por meio delle se obter o espirito das mesmas flores; o qual será tão bom e perfeito como o que se compra nas lojas de perfumes. Faz-se deste modo.

Toma-se do óleo assim preparado, por exemplo, duas ou tres onças, deita-se em uma garrafinha de vidro, a qual se acaba de encher quasi completamente de espirito de vinho puro e sem cheiro: agita-se com força o vidro até ficar bem misturado o óleo com o espirito; repete-se esta operação muitos dias consecutivos, ajuntando-se-lhe, se for preciso, mais óleo, até ficar com o grão de fragrança que se quizer. Separa-se depois o óleo do espirito, o que facilmente se consegue, pois que as duas materias se dividem logo que são deixadas em repouso; passa-se por panno de linho fino o espirito de vinho, o qual terá tomado a si todo o óleo essencial das flores que se continha no óleo de amendoas; e por este meio vem a obter-se com pouco trabalho e despezas as essencias das flores de uma grande suavidade e perfeição.

CHRONICA DA QUINZENA.

Dia 1.^o — *Carlos II, rei de Inglaterra, ou o Laird d'Umbekim*, no theatro de S. Pedro de Alcantara.

Dia 2. — *Magdalena*, pela Sra. Miró estreado no theatro de Santa Thereza, e *Ernani*, no Provisorio, em beneficio da Sra. Zechini, que vai respirar novos ares, novos climas.

Dia 3. — Baile de beneficencia da Sociedade Franceza, pomposo, alegre, brilhante. Baile da *Philia*.

Dia 4. — Anniversario do consorcio de Suas Magestades Imperiaes. *Os tres Amores*, em S. Pedro; *Rainha de Chypre*, no Provisorio. Festa de Santa Anna, na capellinha da Imperial Quinta da Boa-Vista. Grande festa da Virgem Senhora do Pilar, no mosteiro de S. Bento. Festa de

S. Gonçalo Garcia, em sua igreja, na rua da Alfandega, Ferradores ou Mãe dos Homens.

Dia 5. — Grande concerto vocal e instrumental em beneficio da Sra. Clotilde Favrichon, no salão do Provisorio. Beneficio da Sra. Gabriella De-Vecchi, em S. Pedro, com enchente e excellente divertimento.

Dia 6. — Correu a roda da loteria, e o meu bilheteinho sahio branco.

Dia 7. — Faustissimo anniversario da Independencia dos filhos de Colombo na patria de Paraguassu. Em festejo deste dia, no theatro de S. Pedro, o drama *A Independencia Escocesa*. No Provisorio a opera *Attala*, de grande apparatus.

Dia 8. — Festa da Natividade de Nossa Senhora em diferentes igrejas, em muitas casas particulares, e grande festa no Porto das Caixas.

Dia 9. — Concerto no salão do Provisorio, em beneficio do Sr. Guilmette.

Dia 12. — Concerto, se não chover, no salão do Provisorio, em beneficio do Sr. Tronconi.

Sim, leitoras, desta vez creio que ficará o Provisorio eternizado pela sonna dos bons concertos.

Antes de tudo, dir-vos-hei que não ha nada como descansar-se á sombra dos bambús do Jardim Botânico, enquanto prepara-se o matizado e odorifero ramo de manacás, rosas, etc. ! Assim como nada ha peor do que ver-se disparadamente galopar o cavallo do carrinho que nos conduzia mansa e commodamente, e, quando menos esperamos, ser levadas a trochemoche, por montes e valles, de perigo em perigo, somente pela vontade desenfreada de um fogoso ginete, que nos faz ficar de mil côres ao sentir ao lado o consorte que desespera, esticando as bridas de governo do obstinado animal.

— Irra! disse eu quando felizmente pude dar o primeiro passo em terra, pisando a liuda alameda de coqueiros do Jardim. Aqui não ha riscos de plantarmos uma figueira.... E que tal, Antonio?!

— Apáge!... dizia elle dando-me o braço. Por pouco que nos não tornámos figuras de jardim! Com a carreira que levava o tal carrinho podiamos ter sido bem infelizes no passeio: felizmente estamos salvos.

Ah! que saudades as que eu tenho dessa manha de rosas! Figurai, leitoras, eu e o meu Antonio, sós (pareciamos dous pombinhos), com todo o nosso vagar, passo a passo, percorrendo essa somma de jaqueiras, passando revista á esses inumeros bambús, admirando o extensissimo e arqueadissimo bico de uma especie de garça vermelha, e agitando nossos lenços para vermos as marrequinhas e os patarrões equilibrarem-se sobre as mansas aguas da nova lagoa Estige. E o repuxo?! Oh! quasi que borrifava as nuvens!...

Penetrámos o caramuchão de cedros; e, se não fora a recommendação em *manuscripto* que lá bispámos, não deixaríamos intactas tanta casta de jurujubas, malmequeres e maravilhas.

Via-me em apuros, leitoras! Se cobrisse a cabeça com o lençinho, lá se vão os bandós; e se a não cobrisse sentia-me torrar, pois que o sol era de matar passarinhos! Surpresas do meu

Sr. Santinhos.... Não gosto de ir de chapéu á missa; e apenas terminavão a cantarola os reverendos da Capella, no domingo ás dez e meia, volta-se para mim o Sr. consorte, aponta-me o carrinho á porta da igreja, dá-me a mão, entro, recosto-me nas macias almofadas, entra elle tambem, toma as guias, e adeos.....

— Para onde vamos?

Qual! Era escusado; nada de resposta, e toca para adiante.... As ruas fugião-me como relampagos, e quando dou acôrdo de mim.....

— O que é isto? Onde estamos nós?

— Na ponte do Cattete, e paremos aqui; não vês?...

— O que? aquelle homem que te quer apertar a mão?

— Sim, mas é para receber os quatro vintens; se não, não podemos seguir.

— Para onde?

— Para Botafogo, e de lá para o Jardim Botânico.

E foi assim que fizemos esse passeio.

Onde estão as épocas de minha infancia? onde esses dias de enthusiasmo, e essas noites de prazer? Oh! minha juventude primitiva!....

— Mentis! eu dir-vos-hia, estrangeiro, se outr'ora, distante da Côte, nessas provincias que viajei, viesseis dizer-me: « Estive no Rio de Janeiro no dia 7 de Setembro, e não vi um só arco triumphante, não vi uma só illuminação artificial, uma só banda de musica sequer ouvi percorrendo as ruas dessa cidade! »

E no entanto, leitora (oh! eu lastimo com lagrimas de pungidora recordação), e no entanto o que é de tudo isso?

Ouvi, fallo á vós que sois do meu sexo, sensiveis heroínas da patria: o dia 7 de Setembro é para mim o que era para meu pai, o que deveria ser para todos em cujas veas circulasse o sangue brasileiro — Dia da Emancipação de um povo colono! — Dia em que vimos a luz de um novo astro! — Dia em que nossos pais colherão os trophéos de uma alta victoria! — Dia em que os nossos avós, quebrando os elos de uma dependencia horrivel, erguerão-se altivos, e fizerão echo ao Heroe das duas nações que no Ypiranga apregoava esse dilemma de vida ou de morte!

E onde estão as cem tubas da fama, que se não fazem soar na commemoração desses Patriarchas de nossa liberdade? Onde os Raphaelis da Italia, e os Petrireks da Allemanha, que não burilão osses Genios, monumentando-os em cada uma de nossas praças publicas votadas á irrisão?...

Lá desponta o astro de fogo, altaueia-se, segue o seu curso, toca o zenith, descamba.... eil-o no occaso. E onde as turnias? onde as massas de povo que, transitando as ruas, deixarão um VIVA A INDEPENDENCIA ir perder-se nos confins do Amazonas?

Gervina N. P. dos S. N.

Com este presente numero faremos chegar ás mãos das nossas assignantes os Estatutos da Sociedade de loterias, denominada — PODE GANHAR E NUNCA PERDER. — Favoravelmente inclinada a esta associação, e tendo já expellido nossa opinião em abono da grandiosa empreza do Sr. Bernavlo Xavier Pinto de Souza, ha hoje ainda mais uma outra razão, para que de novo vos falle a este respeito — foi o appello que este Sr. fez ao nosso sexo. Tende, pois, a bondade de ler o que elle escreveu:

« Não concluiremos o nosso trabalho sem invocar em favor da nossa empreza a ultima e a mais poderosa de todas as protecções: a protecção do bello sexo.

Vós, senhoras, a quem a Providencia dotou de tanto espirito e penetração; vós, a quem as leis da sociedade incumbem o governo domestico, sciencia em que desenvolveis todas as virtudes que gerão os commodos da vida, os prazeres honestos, a felicidade do homem; vós melhor do que ninguem comprehendereis as vantagens da empreza que fundamos. Protegei-a, portanto, com vossas assignaturas, com vossa dedicação e bondade; protegei-a ainda com essa ascendencia miraculosa que tendes no coração de vossos pais, no coração de vossos esposos e irmãos, que estendeis a todos as pessoas que vos cercão, a quantos vos escutão; e quando um dia o vento da prosperidade levar a bonançosos mares esse baixel que ahi lançamos á mercê das ondas, ao travéz de todas as tempestades, nós, piloto adestrado, subiremos ao tope de nossos mastros, e de lá, olhando complacente para os vossos palacios, diremos com prazer aos nossos companheiros de viagem: — São as orações, as bençãos da MULHER que vos conduzem!

Senhoras, a Sociedade Brasileira marcha com passos gigantescos na estrada de um progresso razoavel, para segregar-vos da sociedade das mais cultas cidades da Europa, onde á testa de muitas emprezas figurão nomes de senhoras a par de todos esses nomes famosos, a quem o velho mundo tem collocado no pantheon de suas ce-lebridades.

A empreza, portanto, que hoje fundamos no benefico solo americano, muito confia, senhoras, na vossa protecção.

A decifração da charada do n.º 36 é: Capote.

Acompanha este n.º 57 uma estampa de ornamentos de toilette.